

Environmental-seekers e landscape-seekers: a importância da qualidade ambiental e da paisagem para o desenvolvimento regional

Fátima Velez de Castro

CEGOT/Departamento de Geografia - Universidade de Coimbra
velezcastro@fl.uc.pt

Resumo:

Partilhando uma opinião comum ao Professor Doutor Fernando Rebelo, este artigo pretende ser uma breve reflexão sobre como a qualidade ambiental e as especificidades da paisagem portuguesa poderão potenciar o desenvolvimento do território português.

Para concretizar este pressuposto, ter-se-á em conta o papel particular dos estrangeiros que trabalham e residem no país, pelo que serão apresentadas algumas conclusões sobre o estudo de caso de uma região de baixas densidades no Alentejo, onde a presença dos imigrantes potenciou processos de recuperação e revitalização de infraestruturas e equipamentos em espaços rurais, numa perspectiva sinérgica com o trinómio “ambiente-paisagem-território”.

Palavras-chave: Ambiente. Paisagem. Migrações. Portugal. Áreas Rurais.

Abstract:

Environmental-seekers e landscape-seekers: the importance of the environmental quality and landscape for regional development.

Sharing a common opinion to Professor Fernando Rebelo, this article intends to be a brief reflection about how the environmental quality and the specificities of the Portuguese landscape can boost the development of the Portuguese territory.

To achieve this assumption, one must bear in mind the particular role of the foreigners who work and live in the country, for what some conclusions about the case study of a low densities region in Alentejo will be shown, where the presence of immigrants triggered the recovery and revitalization processes of infrastructures and equipments in rural spaces, in a synergetic perspective with the trinomial “environment-landscape-territory”.

Keywords: Environment. Landscape. Migrations. Portugal. Rural Areas.

1. Em jeito de introdução

Quando no passado ano lectivo, em plena época natalícia, enviei via e-mail os costumados votos de boas festas aos meus Colegas e Professores do Departamento de Geografia da Universidade de Coimbra, esperava o habitual retorno de gentil e amigoso agradecimento. “Tradição gera tradição” é o que prenuncio sempre nesta e noutras datas, onde prevalecem as mesmas palavras e os mesmos gestos para traduzir a invariável mas feliz presença dos que cá estão e dos que, não estando, continuam a viver nas nossas memórias e nos nossos lugares.

Porém, na extensa lista de mensagens recebidas, destacou-se uma resposta entre todas - a do Professor Doutor Fernando Rebelo - numa consequente, ainda assim inesperada reacção à imagem que associei às palavras natalícias: um Presépio em barro de Estremoz, com um casal de alentejanos, ele de cajado em punho e ela mondadeira, a representar a Sagrada Família. Presumindo eu que, à partida, desconhecesse a profunda ligação afectiva que tenho à imagem, pois o meu avô materno era pastor e o paterno oleiro, supus apenas que deduzisse o consentâneo brio da minha origem geográfica que com muita frequência manifesto, o de ser alentejana de Arronches, e nada mais. Mas relendo agora este e-mail, passado algum tempo, e associando esta sibilística conjectura a outros dados oriundos de subtis mas claras informações anteriores trocadas em e-mails por outras ocasiões (por exemplo, para me felicitar pelo término da tese de Doutoramento, ou pelo lançamento de um livro de poesia que publiquei em 2012), fiquei com a clara impressão de que tudo fora entendido. Da origem, do lugar e da pessoa, o Doutor Fernando Rebelo adivinhou a geografia completa - a minha própria e a de todos nós - que representava aquela simples imagem do Presépio em barro. Invoco apenas a parte da mensagem que interessa neste contexto. Respondeu assim: “[Fátima], apreciei muito o presépio alentejano. O nosso artesanato tem manifestações de grande qualidade. Deve ser também por isso que eu digo aos alunos do primeiro ano, logo na primeira aula que Portugal não é um país pobre.”

De facto nós não fomos, não somos nem temos um país pobre e essa noção que o Professor transmite, em muito o deve à visão analítica e integrada que tem do território, fruto de longos anos de pesquisa e ensino não só no âmbito da Geografia Física como também da Humana, sublinhando, “sem perder de vista o homem”. Não admira por isso que, no fim das provas que prestou para Professor Extraordinário, em Novembro de 1978, o grande geógrafo português Orlando Ribeiro, que integrava o júri, tivesse dito publicamente que com o Professor Doutor Fernando Rebelo terminava uma geração em que também ele se incluía - a dos geógrafos polivalentes (REBELO, 2003: 7-8).

Eu tive o privilégio de ser aluna do Doutor Fernando Rebelo no ano lectivo de 1999/2000, em Geografia Física de Portugal. Nessa altura a disciplina era anual, pelo que havia da minha parte, paralela à responsabilidade de fazer a cadeira à primeira e fazer bem, o deleite de poder assistir às suas aulas durante todo o ano lectivo. E se posso ter esquecido alguns pormenores do currículo académico, de algumas matérias, não tanto por não me interessarem mas porque os engenhosos mecanismos da memória são imperiosamente selectivos, nunca me olvidei das suas aulas. O programa era extenso e ambicioso para alunos do 3º ano da licenciatura em Geografia, mas cada lição era especial, única, perceptível e inesquecível, porque o Professor tinha a generosidade de tornar os seus conhecimentos acessíveis a todos nós.

À época, o Doutor Fernando Rebelo assumia funções como Reitor da Universidade de Coimbra o que, presumíamos, lhe sobrecarregava imenso a agenda. Digo “presumíamos” porque nunca ouvimos o Professor falar sobre o assunto ou até mesmo acelerar o processo de ensino devido a compromissos institucionais que certamente o ocupavam. Chegava cedo à aula (normalmente um pouco antes das 9:00), que decorria na 5ª feira ao primeiro tempo da manhã, preparava serenamente os seus “apontamentos”, a máquina dos slides e ia falando connosco de assuntos simples do quotidiano, com a habitual simpatia que lhe conhecíamos dos corredores da Faculdade, onde sempre nos cumprimentava. Quando o anfiteatro enchia (depois do quarto de hora académico) iniciava a lição, como se tivesse todo o tempo do mundo e nós, aquele tema, aquela aula, fôssemos o centro das atenções.

São sobejamente conhecidas entre nós, antigos alunos, duas características do Doutor Fernando Rebelo enquanto Professor. A primeira, de carácter científico, refere-se à qualidade do processo de ensino-aprendizagem, fruto da importância e pertinência da sua investigação geográfica. Não posso neste contexto deixar de fazer alusão ao magnífico espólio fotográfico com que ilustrava as aulas, o qual foi construindo ao longo de anos e anos de viagens, e que a nós nos deliciava e nos fazia perceber, sem sairmos da sala, como se olha o território com olhos de geógrafo. A segunda, de carácter didáctico, diz respeito a características que considerávamos essenciais num Professor de excelência: a admirável oralidade e escrita; a paixão com que contava as experiências dos trabalhos de campo; o orgulho com que apresentava as pesquisas; o afecto manifestado às origens geográficas, à Geografia e à família (era comum referir-se à sua esposa, a Professora Doutora Maria de Lurdes Rebelo, como a “companheira das suas viagens”).

Dizia com frequência “não há dia que passe que eu não olhe para um mapa”. E tanto nos falava disto, tanto bebíamos no seu entusiasmo, nas suas palavras, que um a um, fomos colando na(s) nossa(s) parede(s) mapas de Portugal ou Mapas-Mundo, hábito que mantenho até hoje. Quando acabámos o ano lectivo, muitos dos meus colegas manifestaram um desejo que, tal como eu, espero concretizar: a de um dia ser em mim parte daquilo que o Doutor Fernando Rebelo foi em nós, um Professor de excelência; a de um dia poder ser isto tudo e eu mesma em quem me der a oportunidade de aprender comigo. Nesse dia, se for confirmado este desejo pelos meus estimados alunos, sei que a missão a que me propus está a ser cumprida.

É por tudo isto, pela marca indelével e profunda que o Doutor Fernando Rebelo deixou em nós, pela sua dedicação à Geografia, que lhe agradeço aquilo que foi, que é e que será enquanto Investigador, enquanto Professor, enquanto Pessoa. E fica aqui o meu reconhecimento, a minha singela homenagem através deste artigo que mais não é que uma brevíssima reflexão sobre um tema que sei que é particularmente grato a nós dois, a todos aqueles que acreditam que o território português, em especial nas particularidades do seu ambiente e paisagem, tem muito para dar a quem é de cá e a quem de cá quer ser - os imigrantes.

2. O migrante enquanto “seeker” no enquadramento do projecto migratório

Santiago GAMBOA (2007: 1, 254), um dos mais importantes escritores colombianos da sua geração, escreveu no romance “A Síndrome de Ulisses” o seguinte pensamento: “Nós, que chegamos pela porta das traseiras, (...) alimentávamo-nos de desejos absurdos. Todas as nossas

frases começavam assim: “Quando for...” (...) O mundo é muito grande e todos queremos chegar a algum lugar.” Não obstante da ficção inerente à história, o leitor não fica indiferente à biografia do autor e à sua geografia, que inclui uma vivência multiterritorial decorrente de experiências migratórias em países como Espanha, França e Itália. E embora dê o testemunho ficcionado sobre a sua experiência migratória numa grande cidade europeia (neste caso, Paris), estes pressupostos que relata parecem fazer todo o sentido se associados a outro tipo de territórios, por exemplo, a áreas rurais.

Destacam-se duas ideias fundamentais neste excerto. A primeira diz respeito ao processo de entrada, neste caso “pela porta das traseiras”, o que pressupõe uma situação irregular, isto é, o autor foca a questão dos imigrantes indocumentados, mas vai mais além, tendo em linha de conta a temática da exploração laboral. Esta tem sido amplamente estudada nas Ciências Sociais, pelas implicações institucionais e burocráticas no controlo das fronteiras nacionais e na formulação de políticas migratórias mas, sobretudo e mais importante, em termos humanitários, relacionado com o tráfico e violência contra seres humanos.

Todavia, será em torno da segunda ideia, relacionada com “os desejos” e aspirações dos migrantes que a reflexão se irá desenvolver. A ideia de “quando for” e de “chegar a algum lugar” está intimamente ligada com a arquitectura do *projecto migratório*, o qual se poderá definir como o conjunto de desejos, objectivos e estratégias de actuação que o indivíduo equaciona antes e durante a migração, para que esta tenha êxito. A probabilidade de sucesso do empreendimento dependerá pois do factor “segurança” indicado pela teoria das redes sociais. Os seus princípios explicam que a consolidação de determinados sistemas migratórios em destinos específicos, se deve à formação de comunidades em redes de conterrâneos, que auxiliam a deslocação do (pretens) migrante, e por isso diminuem os riscos e os custos associados ao processo (por exemplo, suportando o valor da viagem, arranjando contactos no mercado de trabalho, habitação, etc.) (VELEZ DE CASTRO, 2013: 4).

Em suma, o *projecto migratório* resulta num plano em que o migrante tenta reduzir ao máximo os custos da migração, assim como os riscos inerente, procurando como fim último fixar-se de forma temporária ou permanente em determinado território. Este, tendo em conta os princípios básicos da teoria da atracção-repulsão, apresentará características “positivas” que estarão (relativamente) de acordo com aquilo que o indivíduo pretende com a sua deslocação. Melhorar o nível/qualidade de vida pode estar associado a um emprego adequado às habilitações literárias, que seja bem remunerado, no caso das migrações laborais; aceder a um sistema/nível de ensino de qualidade, no caso das migrações académicas; prover a segurança física de si próprio e da sua família, no caso das migrações de refugiados; acompanhar a família, móbil transversal a vários tipos de migrações. O estabelecimento de uma tipologia não é linear, pois as motivações principais, em conjunto com outras de carácter secundário, formam um quadro de opções bastante complexo.

Neste sentido, destacar-se-á um grupo de migrantes, que pela especificidade das motivações inerentes ao *projecto migratório* e pelas consequências verificadas no local de chegada, se torna importante para repensar paradigmas, assim como para desconstruir mitos territoriais. Se uma migração, com forte componente/motivação económica estará relacionada com a questão laboral, em que o migrante procura obter um emprego com condições remuneratórias satisfatórias, é natural que se parta do princípio que as áreas urbanas propiciarão um vasto conjunto de oportunidades.

Environmental-seekers e landscape-seekers: a importância da qualidade ambiental e da paisagem para o desenvolvimento regional

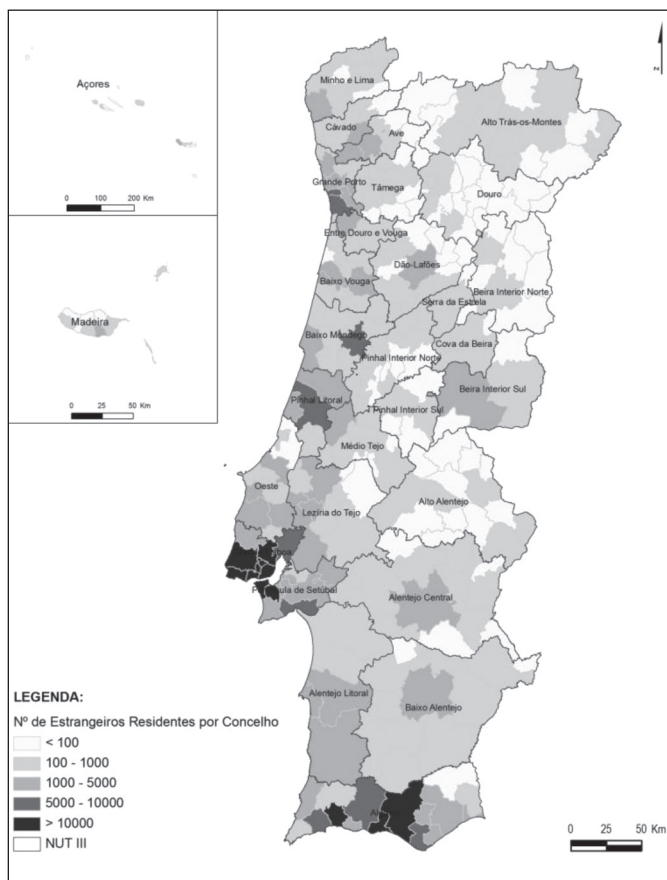


Figura 1
População estrangeira residente em Portugal, por concelhos e NUT III, em 2009.
Fonte: VELEZ DE CASTRO (2011).

No caso português, aliás, no caso da Península Ibérica e do sul da Europa em geral, foi isso que aconteceu na última década do séc. XX/início do séc. XXI¹ no que diz respeito aos movimentos migratórios. Como se pode verificar na Figura 1, os estrangeiros que se fixaram em Portugal nesse período fizeram-no sobretudo na capital, nas principais cidades da costa oeste e no Algarve, exceptuando-se algumas cidades do interior (capitais de distrito). Só na Área Metropolitana de Lisboa estimava-se que residissem e trabalhassem dois terços do total de imigrantes presentes no país. FONSECA (2007: 146-147) corrobora esta ideia, identificando duas regiões onde a presença de imigrantes é marcante. Na primeira - Área Metropolitana de Lisboa e nos centros urbanos do litoral algarvio - onde a imigração é mais antiga, sobressaem os desafios da integração dos imigrantes e dos seus descendentes. Na segunda - norte e centro

¹ Optou-se por apresentar dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras referentes ao ano de 2009, pois foi aquele cujo stock de população estrangeira com título de residência foi mais elevado (451.742 indivíduos, cerca de 4% da população total portuguesa).

interior, Alentejo, serra algarvia e Região Autónoma dos Açores - onde este fenómeno ainda tem um carácter recente, o debate centra-se na relação entre imigração e desenvolvimento regional, no sentido de saber se os imigrantes poderão contribuir para revitalizar e dinamizar a economia local, atenuar o problema do envelhecimento e o risco de despovoamento das áreas rurais de baixas densidades. Identifica ainda neste grupo um conjunto de concelhos onde a percentagem de população estrangeira residente atinge níveis semelhantes às regiões tradicionalmente receptoras de imigrantes. Correspondem a áreas urbanas (Guarda, Ponte de Sôr, Elvas, Évora, etc.) do interior que se revelam atractivas para estrangeiros, gerando uma configuração distinta da geografia da imigração portuguesa.

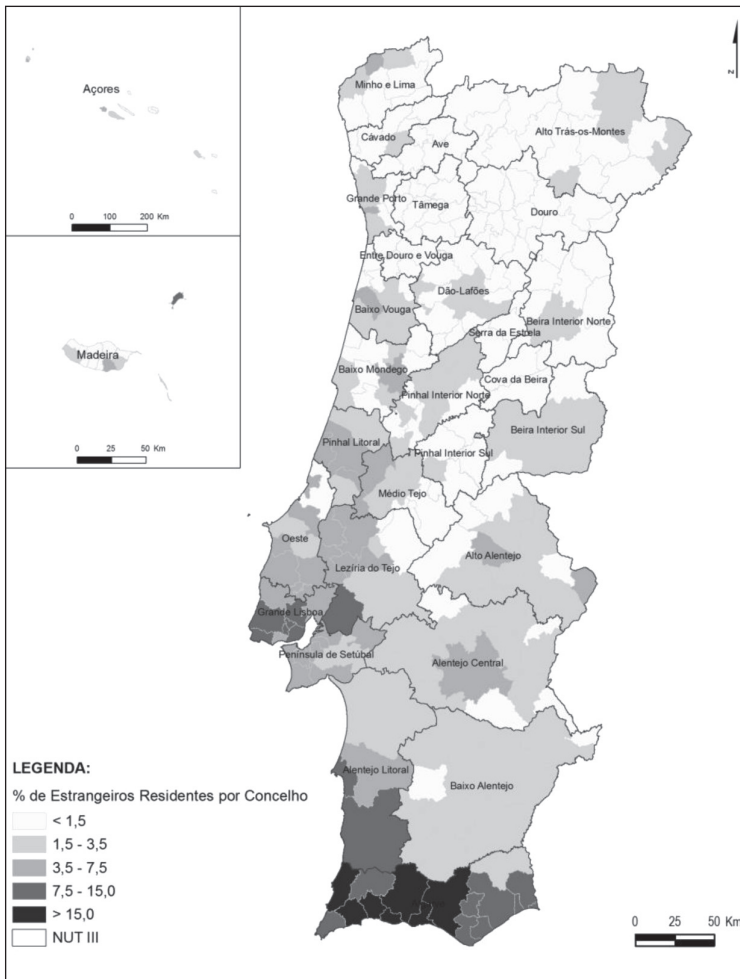


Figura 2.
 Percentagem de população estrangeira residente em Portugal, relativamente à população total residente, por concelhos e NUT III, em 2009.
 Fonte: VELEZ DE CASTRO (2011).

Environmental-seekers e landscape-seekers: a importância da qualidade ambiental e da paisagem para o desenvolvimento regional

Significa que, de uma forma geral, se espera que os imigrantes sigam o padrão demográfico dos nacionais, considerando o interior, as áreas rurais de baixas densidades, com características repulsivas, não conducentes à fixação de alóctones. O frágil tecido económico e empresarial, o qual gera um mercado de emprego muito limitado em termos de variedade de funções e de oportunidade de ascensão profissional, não é atractivo para nacionais ou estrangeiros. Por isso se entende a geografia dos fluxos migratórios laborais, dominantes no contexto português. Incluem-se neste grupo tanto os trabalhadores por conta de outrem como os trabalhadores por conta-própria, sobretudo os ligados a actividades comerciais, cujo mercado de consumidores, seja ele composto por nacionais ou estrangeiros, também é maior nas regiões do litoral de maior concentração populacional.

Porém, a observação dos dados relativos à percentagem de população estrangeira residente em Portugal (Figura 2), relativamente à população total residente, permite perceber que esta dinâmica nem sempre é linear, isto é, confirmar em parte as excepções indicadas. Significa que, mesmo em número (relativamente) reduzido, a presença de imigrantes em determinados concelhos/freguesias rurais do interior é muito significativo, face à totalidade dos autóctones. Este fenómeno reconfigura a geografia das migrações portuguesas, assim como destaca a pertinência de determinadas regiões do país, como acontece no interior sul. O caso dos concelhos de Castelo de Vide, Marvão, Portalegre (freguesia rural de Alegrete) e Arronches, localizados na Serra de S. Mamede, sub-região do Alto-Alentejo, são um exemplo paradigmático de fixação de população imigrante. Através de uma sistemática observação empírica, percebeu-se a intensificação da presença de determinados contingentes alóctones nesta área rural de baixas densidades, nomeadamente *sun-seekers*.

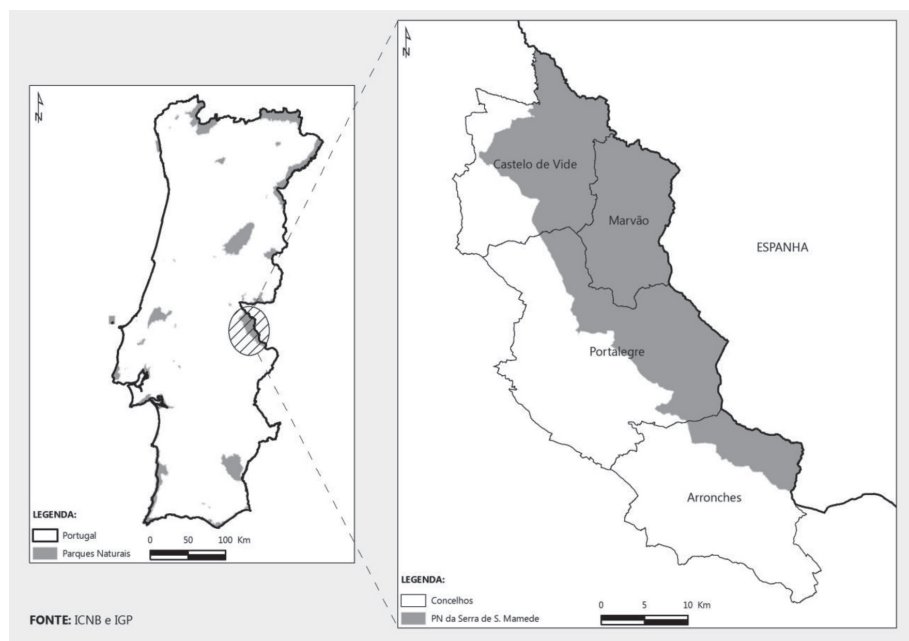


Figura 3
Concelhos estudados no Parque Natural da Serra de S. Mamede.
Fonte: VELEZ DE CASTRO e CRAVIDÃO (2012).

Entre outras urgem duas questões relativas à escolha deste local de chegada e fixação:

a) O que esperam os imigrantes deste tipo de territórios?

b) Como pode a sua actuação gerar processos de desenvolvimento regional?

Partindo do princípio que se estabeleceu uma relação biunívoca, com base no que o território lhes dá e naquilo que eles poderão dar ao território, parece fazer sentido a consideração de duas hipóteses:

a) As características particulares deste e de outros territórios rurais de baixas densidades tornam-nos capazes de atrair e fixar população alóctone;

b) A actuação da comunidade imigrante pode gerar processos de desenvolvimento regional.

Utiliza-se neste caso a terminologia *sun-seekers* para designar imigrantes oriundos de países do centro e norte da Europa, com particular destaque para alemães, neerlandeses e britânicos, com uma presença quantitativa mais marcada face às outras nacionalidades. Dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de 2009² revelam que, na totalidade de estrangeiros a residir no distrito de Portalegre (2.801 indivíduos), 34% fixaram-se nos concelhos já referidos do Parque Natural da Serra de S. Mamede. Tais nacionalidades assumem particular importância nestas unidades geográficas, pois relativamente ao peso na totalidade dos estrangeiros residentes, representam em Castelo de Vide 33% dos indivíduos; em Marvão 48% dos indivíduos; em Portalegre 4% dos indivíduos³; em Arronches 30% dos indivíduos.

Tendo em conta a definição de FONSECA (2002: 354), o conceito de *sun-seeker* designa à partida reformados que procuram residir em territórios de climas mais amenos, espaços de lazer e paisagens naturais e culturais mais atractivas do que os percebidos no país de origem. Os reformados serão neste caso considerados em paralelo com os que desempenham uma actividade profissional, uma vez que se constatou a derivação de um sub-grupo de activos. Entendeu-se portanto que se devia enfatizar a etimologia da palavra - *os que buscam o sol* - optando-se por usar o termo não só para designar os aposentados, mas também abrangendo os indivíduos do centro e norte da Europa que, estando em idade activa, procuraram Portugal, e esta região em particular, para residir, trabalhar ou gozar a reforma, e cujos motivos primordiais estão ligados ao clima e à natureza. São estrangeiros cuja faixa etária varia entre os 40 e 70 anos de idade, com formação académica universitária, verificando-se um equilíbrio de género. No país de origem, todos residiam em áreas urbanas (capital ou principais cidades). Averiguar-se-á então neste estudo de caso a importância das especificidades inerentes ao território em causa - o Parque Natural da Serra de S. Mamede - na relação com o projecto migratório definido, à partida, por estes imigrantes.

3. A paisagem e a qualidade ambiental como móbil da fixação no local de destino migratório

Com o propósito de dar resposta às questões colocadas, assim como de validar as hipóteses derivantes, foi utilizado como instrumento de trabalho um questionário por inquérito, o qual foi

² Tal como no caso anterior, optou-se por apresentar dados do ano de 2009, pois foi aquele cujo stock de população estrangeira com título de residência foi mais elevado em Portugal.

³ Embora o peso relativo seja diminuto, foi incluído o concelho de Portalegre no estudo, pela importância que representa a presença destes imigrantes no contexto da Serra de S. Mamede.

aplicado à comunidade de *sun-seekers* a residir e trabalhar nos concelhos já referidos⁴. Porque resultou de um estudo mais vasto⁵, apenas se irá fazer referência aos resultados gerais de referência directa ao propósito definido para a discussão em causa, sendo que o tema proposto resultou na prevalência de respostas a uma das questões, a respeitante às causas da fixação neste território específico rural de baixas densidades populacionais.

As respostas evidenciaram várias tendências, sendo que todas estão interligadas por um denominador comum: a paisagem e a qualidade ambiental. A análise dos resultados permite corroborar esta ideia, pelo que se sistematizam as respostas:

a) A *questão climática* é a primeira causa, de âmbito geral, indicada para a fixação em Portugal. A “suavidade do Inverno” e o “elevado número médio diário de horas de sol”, são aspectos que estes imigrantes referiram como sendo decisivos para a escolha de um país mediterrânico residir e trabalhar.

b) A *qualidade ambiental e a paisagem* são amplamente valorizadas, sendo a causa primordial para a escolha específica desta região do país como destino migratório. PISÓN (2009: 39) refere que a visão da paisagem é uma configuração objectiva, porém a sua morfologia só se completa com a observação, seja ela vivencial, científica, literária, pictórica. A percepção paisagística não é apenas por isso um entendimento individual ou social mas tem, segundo o autor, um ingrediente de criação humana. Em contexto migratório, esta construção resulta na criação de uma imagem territorial sobre o local de destino e que influencia a estruturação do projecto migratório (VELEZ DE CASTRO, 2013: 6). Isso foi notório nesta comunidade imigrante, cuja ideal de qualidade de vida, segundo referiram, em muito se baseou na ideia idílica de contacto com a natureza. Todos, sem excepção, concordaram que encontraram nestes concelhos do Parque Natural da Serra de S. Mamede condições adequadas para a concretização dos objectivos migratórios a que se tinham proposto. Há três pontos que destacaram e que, além de justificarem a escolha e fixação, estão na base da intenção de permanência parcial⁶ ou até mesmo definitiva.

b1) O primeiro diz respeito às garantias dadas pelo Parque, no que diz respeito à *preservação do ambiente e ordenamento do território*, já que o espaço está abrangido pela legislação em termos de regulamentação da construção. Se é certo que não podem mudar o traçado e a estética das habitações (pelo menos na fachada) nem estabelecer todo e qualquer tipo de actividade económica, têm no entanto a garantia de que, referiram, “este espaço não se tornará numa cidade”. Valorizam a paisagem rural pela parte estética, pela forma como tem sido preservada a natureza (flora e fauna), por ainda deter elementos de um modo de vida tradicional, nomeadamente pela prática da agricultura de subsistência por parte de população idosa local, por se manter o traçado das casas típicas desta região do país. A possibilidade de viverem um

⁴ Foram inquiridos 33 estrangeiros *sun-seekers*, sendo que se utilizou a recolha da amostra através do efeito “bola de neve” (a metodologia do trabalho de campo, assim como os constrangimentos associados estão desenvolvidos no documento referido da nota de rodapé 5).

⁵ Está associado ao trabalho de investigação que resultou na tese de Doutoramento “*Imigração e desenvolvimento em regiões de baixas densidades. Territórios de fronteira no Alentejo (Portugal) e na Extremadura (Espanha)*”, defendida em 2012 (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).

Está disponível na Biblioteca Geral - Repositório Digital da Universidade de Coimbra em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/20842/1/Tese%20de%20Doutoramento_FVC.pdf (acedido em 28/06/2013)

⁶ Como alguns destes imigrantes têm familiares (filhos e netos) nos países de origem, acabam por regressar com alguma frequência. De qualquer forma a residência oficial é nos concelhos portugueses para os quais realizaram a migração.

quotidiano calmo, tranquilo, com a ausência de constrangimentos associados a áreas urbanas (por exemplo, congestionamentos de trânsito) é outro ponto que focam quando inquiridos.

b2) O segundo, em parte abordado no ponto anterior, diz respeito à *habitação e aos terrenos agrícolas*. Associado à paisagem e à qualidade ambiental, estes estrangeiros destacam que o baixo preço (e disponibilidade) para venda de imóveis/terrenos, comparados com os praticados no país de origem, foi um factor que em muito condicionou a escolha destes concelhos para residência. O êxodo rural verificado em determinadas áreas rurais do interior do país tem deixado marcas no território, que no caso da serra de S. Mamede se materializou no abandono de pequenas propriedades cuja degradação das respectivas casas ocorreu de forma natural por falta de manutenção. Estavam portanto, ainda que espontaneamente, criadas as condições para a formação de um mercado imobiliário onde do lado da oferta havia proprietários sem interesse em manter os imóveis, e do lado da procura estrangeiros com capacidade económica suficiente para adquirir e recuperar estes bens.

A existência de uma embrionária rede social de imigrantes alemães, neerlandeses e ingleses, a residir nesta região do país desde os anos 80 do séc.XX, funcionou como geradora de informação, Além disso, nota-se alguma atenção do mercado imobiliário neste sentido, com opções de venda e serviços (por exemplo, de apoio ao nível burocrático) direccionada para este segmento de clientes. No trabalho de campo constatou-se que uma das principais imobiliárias nacionais (Remax) contratou uma profissional inglesa (descendente de pais portugueses) para atrair e contactar com este tipo de público, além de se ter encontrado uma agência imobiliária (Extremadura Properties), cujos proprietários são um casal de neerlandeses a viver em Marvão e um autóctone a viver em Albuquerque (Espanha, Região Autónoma da Extremadura, Província de Badajoz) que gerem o negócio, especialmente com oferta de imóveis destinados ao segmento de mercado de imigrantes do centro/norte da Europa.

b3) O terceiro ponto relaciona-se com a *actividade laboral desenvolvida*. Estima-se que cerca de metade do contingente de sun-seekers ainda se encontre no activo, pelo que continuam a desempenhar funções laborais, embora diferentes das que realizavam no país de origem. São indivíduos cuja faixa etária está, em média, nos 40/50 anos, que têm formação universitária e que, tendo atingindo o topo da carreira, decidiram mudar de actividade, privilegiando o contacto com a natureza, daí que tenham investido em negócios por conta-própria no sub-sector da agricultura (olival e vinha), pecuária (criação de gado ovino e bovino) e no turismo (agroturismo, *bed and breakfast*, campismo, etc.). Neste último caso aproveitam os recursos naturais envolventes à escala local (por exemplo, pela oferta de programas que incluem caminhadas pela serra, venda de produtos alimentares regionais), mas também promovem as especificidades nacionais como o fado (por exemplo, pela organização de noites temáticas). Esta é a tendência geral, embora se tivesse encontrado casos pontuais de imigrantes que conseguem manter o emprego no local de origem, num sistema de teletrabalho (o caso de um designer no concelho de Marvão) ou ainda investiram no sub-sector da saúde (o caso de uma dentista no concelho de Castelo de Vide).

Destacam o facto de poderem controlar os seus próprios horários, de trabalhar com o ritmo e a agenda que definem, anulando as pressões que tinham quando dependiam de uma entidade patronal. Além disso sentem-se realizados por poderem laborar em contacto com a natureza, em funções com mais exigência física, mas para as quais não se preparam do ponto de vista académico. No caso da agricultura e pecuária, este desafio tem sido suprido com sucesso graças a pesquisas efectuadas antes da migração (por exemplo, por leituras,

participação em workshops, etc.), por “tentativa-erro” e também pelo estabelecimento de relações de vizinhança com os autóctones que praticam a agricultura de subsistência, e que lhes transmitem conhecimentos sobre a dinâmica das culturas mediterrânicas.

c) A *segurança* pessoal e dos bens é um factor amplamente referenciado por todos os grupos imigrados nesta região do país, aliado à percepção de baixos níveis de criminalidade.

d) Também a *dimensão humana* merece destaque, no que diz respeito aos autóctones. Embora estes imigrantes assumam que vivem fora dos aglomerados populacionais por opção própria, tal não tem impedido o estabelecimento de relações de amizade com a comunidade local. Consideram que as baixas densidades populacionais verificadas na região são um ponto muito positivo pois, na opinião dos inquiridos, imprimem ao(s) lugar(es) o carácter de tranquilidade, sossego, segurança, contribuindo de certa forma para a “manutenção da paisagem natural e humana mediterrânica”.

Face à análise de dados, constata-se que a designação “*sun-seeker*” embora adequada, se assegura como simplista. De facto não é o móbil económico-laboral que ocasiona a vinda de tais imigrantes para esta região específica de Portugal, mas viverem na prática uma filosofia de vida hedonista, baseada numa atitude de ruralofilia (MORÉN-ALEGRET, 2008: 541), que os faz procurar valores como a qualidade ambiental, o clima, a preservação do modo de vida rural. Não se movem pelo objectivo de enriquecerem ou de auferirem mais rendimentos (isto no caso dos activos), mas sim de viverem numa relação profícuca com a natureza, valorizando a qualidade ambiental enquanto parâmetro primordial do que consideram ser uma boa qualidade de vida. BERQUE (2009: 104, 105) considera que esta filosofia de vida ruralofílica, isto é, de estreita relação entre o ser humano e os espaços rurais, mais não é que o restabelecimento de um “*pensamiento paisajero*” em que há a necessidade de retorno ao “corpo animal individual”, assim como ao sistema eco-tecno-simbólico, que constitui a totalidade do indivíduo. Numa perspectiva mais concreta, pode-se considerar que não são apenas *sun-seekers* no estrito sentido da palavra, mas *landscape-seekers*, ou melhor dizendo, *environmental-seekers*, numa interpretação mais livre. É a paisagem e a qualidade ambiental que os motiva na sua migração para esta região específica da raia ibérica, pois é aqui que poderão concretizar o que O`REILLY e BENSON (2009: 6) designam de “idílio do rural”, ou seja, um espaço que lhes proporciona um sentido de pertença mais íntimo com o território na sua vertente física e humana, possibilitando ainda capacidade de auto-transformação, um recomeço de vida. Segundo TORKINGTON (2010:103) estaremos portanto em presença de um contingente de *lifestyle-migrants*, os quais se caracterizam por aliarem a uma mudança geográfica da residência e do local de trabalho, o paradigma de vida, procurando por isso locais propícios a um quotidiano mais calmo, com ausência de situações de stress, em contacto com a natureza. Mas esta busca não se assegura apenas como vantajosa para os imigrantes. Também os locais de chegada, neste caso os concelhos de Castelo de Vide, Marvão, Portalegre e Arronches, enquadrados no âmbito do Parque Natural da Serra de S. Mamede, beneficiaram de forma positiva da sua fixação e actuação no território.

4. A importância dos imigrantes para a reabilitação/manutenção da paisagem

A presença deste contingente específico de estrangeiros na área em estudo muito tem contribuído para promover processos de desenvolvimento regional, em especial no que diz

respeito à própria reabilitação/manutenção dos espaços rurais, não só em termos materiais como também imateriais.

Por um lado, ao assumirem o papel de *produtores*, pelo investimento em negócios por conta-própria, dinamizam sub-sectores como a agricultura, valorizando as culturas mediterrânicas autóctones (olival, vinha), assim como introduzem novidades com viabilidade (por exemplo na pecuária, onde alguns neerlandeses se dedicam à criação de gado limousine). Com a actividade turística, ao promoverem uma forte relação entre o ambiente e o turista (na maior parte dos casos estrangeiros), dão a conhecer as especificidades regionais, que acabam por ser divulgadas além fronteiras pelo testemunho de quem experimenta e aconselha os serviços que lhe estão associados (alojamento, restauração, etc.).

É certo que não criam oportunidades de emprego para os nacionais, já que são pequenos negócios geridos pelos proprietários, porém sempre se trata de um conjunto de indivíduos que não irá fazer pressão sobre o mercado de trabalho local, e portanto não farão concorrência aos nacionais.

Além disso tornam-se eles próprios *consumidores* de bens e serviços no(s) mercado(s) local(ais). Esta dinâmica de aquisição passa tanto pela esfera doméstica, como pela da área de negócio, gerando um efeito multiplicador e sinérgico com a comunidade autóctone. Destaque-se o caso do mercado imobiliário, onde o arrendamento (numa fase inicial, antes do estabelecimento definitivo) e a compra de casas/propriedades, vem injectar capital nos proprietários locais vendedores, assim como dinamiza o mercado dos pequenos construtores civis, tanto pela compra de produtos de construção como pela contratação de serviços.

Neste contexto, estes imigrantes assumem o importante papel de *reabilitadores* do património habitacional, dotando inclusive os locais onde residem (quando estes não dispõem) de infraestruturas básicas (electricidade, água, telefone, internet, etc.), assim como da própria paisagem. Os que têm actividade laboral, utilizam os terrenos para a actividade agrícola ou então para a turística, sendo que todos referiram (activos e reformados) praticar agricultura de subsistência (de carácter biológico) para consumo doméstico. Nota-se além deste cuidado utilitário, um cuidado de carácter estético com a própria paisagem, tendo em conta a (re)plantação de espécies agrícolas e silvícolas autóctones.

A dimensão *sócio-cultural* do território também tem sido muito abonada por este contingente. Ao estabelecerem relações de amizade com os vizinhos, muitos deles idosos a residir, tal como eles, em pequenas propriedades relativamente isoladas, promovem a troca de experiências de vida, muito enaltecida por ambas as partes. Além disso imprimem uma sensação de segurança a estes autóctones e aos próprios lugares, não só pela sua presença física (companhia, diminuição do sentimento de solidão e isolamento), mas porque a disponibilidade de certos equipamentos, nomeadamente de comunicação, os aproxima mais de serviços urgentes de que necessitam com frequência (por exemplo, no que diz respeito a problemas de saúde, dos Bombeiros) e que, a existir, se localizam nas sedes dos concelhos.

5. Conclusão

Com base num pensamento de Santiago Gamboa, dada a (relativa) universalidade da sua obra no âmbito das experiências migratórias europeias, parte-se do princípio que os imigrantes

se deslocam com aspirações e objectivos, os quais estruturam os projectos migratórios a que se propõem.

No caso do território em estudo, a geografia física e humana da paisagem do norte do Alentejo, foram decisivos para definir a fixação de um grupo de *lifestyle-migrants* alemães, neerlandeses e britânicos nos concelhos de Castelo de Vide, Marvão, Portalegre e Arronches, mais especificamente nas freguesias rurais integradas no Parque Natural da Serra de S. Mamede.

Em termos de balanço, ao ser pedida uma avaliação qualitativa do projecto migratório, estes estrangeiros referem que correspondeu ou até mesmo superou, pela positiva, as expectativas iniciais. Justificam o facto por terem conseguido instalar um negócio por conta própria que corre bem, onde podem contactar com a natureza. Além disso, destacam a qualidade ambiental, a estética da paisagem, as características climáticas, a tranquilidade, o contacto com a comunidade autóctone local e a segurança vivida nesta região da raia peninsular, factores que lhes permite desenvolver um sentimento de satisfação e confiança para aqui residir. A presença destes imigrantes tem sido muito importante para o território em estudo, pois potenciou de facto processos de desenvolvimento regional, baseados numa perspectiva sinérgica com o trinómio “ambiente-paisagem-território”.

Perante os factos analisados, há uma derradeira questão que se coloca: terá este território, com as suas especificidades ambientais inerentes, capacidade para fixar ainda mais população estrangeira? Tendo como base de referência o ano de 2009 e os dados mais actuais, de 2012, verificou-se que o número de imigrantes residentes em Portugal diminuiu 8%. Só no distrito de Lisboa, a perda foi de 7,6% de indivíduos sendo que no caso de Faro, esse número ascendeu aos 14,5%. Em compensação, no distrito de Portalegre, houve um ganho de 2,8% de imigrantes residentes.

É certo que no concelho de Portalegre, se verificou uma ligeira perda de 0,1% de alemães, neerlandeses e britânicos, porém, nos outros concelhos considerados para o estudo, o aumento do número destes imigrantes residentes foi notório: em Castelo de Vide, 7,7%; em Marvão 24,1%; em Arronches 34,8%⁷. Contrariamente ao que acontece no país, em especial nas principais áreas urbanas que estão a perder população imigrante, esta área rural de baixas densidades tem vindo a ganhar população estrangeira - *lifestyle-migrants* - que encontra neste território condições favoráveis, do ponto de vista ambiental e paisagístico, para concretizar com êxito o seu projecto migratório.

Referências bibliográficas:

- BERQUE, Agustin (2009) - *El pensamiento paisajero*. Biblioteca Nueva, col. Paisaje y Teoría, Madrid.
- FONSECA, Maria Lucinda (2002) - “Portugal no sistema das migrações internacionais na Europa: tendências recentes e perspectivas futuras”. In: CAVACO, Carminda - *Actas. Seminário Internacional “Repensar Portugal na Europa. Perspectivas de um país periférico”*. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, pp. 352-373.

⁷ Verificou-se que nos quatro concelhos em estudo houve um aumento geral de 5,4% de imigrantes residentes, entre os anos de 2009 e 2012.

- FONSECA, Maria Lucinda (2007) - “Inserção territorial. Urbanismo, desenvolvimento regional e políticas locais de atracção”. In: VITORINO, António (Coord.) - *Imigração: oportunidade ou ameaça?* Fundação Calouste Gulbenkian, Col.Principia, Lisboa, pp.105-150.
- GAMBOA, Santiago (2007) - *A Síndrome de Ulisses*. Edições Asa, Lisboa.
- GONÇALVES, Maria Ortelinda Barros (2009) - *Migrações e Desenvolvimento*. Fronteira do Caos Editores, Porto.
- MORÉN-ALEGRET, Ricard (2008) - “Ruralphilia and Urbophobia versus Urbophilia and Ruralphobia? Lessons from immigrant integration processes in small towns and rural areas in Spain”. *Population, Space and Place (Special issue: International Migration to Non-Metropolitan Areas)*, Vol. 14(6), Wiley InterScience, pp. 537-552.
- O'REILLY, Karen e BENSON, Michaela (2009) - “Lifestyle Migration: Escaping to the Good Life? In: O'REILLY, Karen; BENSON, Michaela (Eds.) - *Lifestyle Migrations. Expectations, aspirations and experiences*. Ashgate, Reino Unido, pp. 1-13.
- PIRES, Rui Pena (Coord.); MACHADO, Fernando Luis; PEIXOTO, João e VAZ, Maria João (2010) - *Portugal: Atlas das migrações internacionais*. Tinta da China, Lisboa.
- PISÓN, Eduardo Martínez (2009) - *Miradas sobre el paisaje*. Biblioteca Nueva, col.Paisaje y Teoría, Madrid.
- REBELO, Fernando (2003) - *Riscos Naturais e Acção Antrópica*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2ª edição, Coimbra.
- TORKINGTON, Kate (2010) - “Defining lifestyle migration”. *Dos Algarves*, nº 19, ESGHT/UAlg, Faro, pp. 99-111.
- VELEZ DE CASTRO, Fátima (2011) - *Imigração e Desenvolvimento em Regiões de Baixas Densidades. Territórios de Fronteira no Alentejo (Portugal) e na Extremadura (Espanha)*. Dissertação de Doutoramento em Geografia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- VELEZ DE CASTRO, Fátima e CRAVDÃO, Fernanda (2012) - “Border regions: new territories for old and new residents. The case of Serra de S.Mamede (Portugal)”. In: LEIMGRUBER, Walter; ZSILINCASAR, Walter e NEL Etienne - *Mountain regions in transformation. Global processes, regional and local response*. Shaker Verlag, Aachen, Alemanha, pp. 117-138.
- VELEZ DE CASTRO, Fátima (2012) - “Imigração e territórios em mudança. Teoria e prática(s) do modelo de atracção-repulsão numa região de baixas densidades”. *Cadernos de Geografia*, Departamento de Geografia da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 203-213.